
O REGIME DE DESINFORMAÇÃO DO 8 DE JANEIRO: a construção de um golpe de Estado em grupos de Telegram

Camilla Machuy¹

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

Este artigo é oriundo de uma tese de doutorado recém concluída e investiga como a desinformação espalhada no Telegram ajudou a aproximar grupos bolsonaristas e antivacina nos meses que antecederam a tentativa de golpe de Estado no Brasil, em janeiro de 2023. A pesquisa analisa mais de 500 mil mensagens publicadas em 205 grupos públicos da plataforma entre 30 de outubro de 2022 e 9 de janeiro de 2023. Por meio de Análise Exploratória de Dados, o estudo compara os discursos, estratégias de mobilização e os pontos de contato entre os dois grupos. As mensagens antivacina, que no início tratavam de temas ligados à saúde, passaram a incorporar apelos militares e ataques às instituições. Os grupos bolsonaristas, por sua vez, insistiram na ideia de fraude eleitoral e exigiram intervenção das Forças Armadas. Os resultados mostram como o Telegram funcionou como espaço de circulação e reforço de mensagens radicais. A pesquisa revela os caminhos digitais que favoreceram o alinhamento entre desinformação e autoritarismo e aponta os riscos dessa convergência para a democracia.

Palavra-chave: telegram; desinformação; bolsonarismo; movimento antivacina; 8 de janeiro;

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz parte dos resultados de uma tese de doutorado concluída no início de 2025 e investiga como grupos da extrema-direita utilizaram aplicativos de mensagens instantâneas para organizar ações, disseminar desinformação e mobilizar apoiadores. Para isso, foram analisadas mais de 500 mil mensagens extraídas de 205 grupos públicos do Telegram, publicadas entre 30 de outubro de 2022 (data do segundo turno das eleições presidenciais) e 9 de janeiro de 2023, um dia após os ataques aos prédios do Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal e Palácio do Planalto, em Brasília. O objetivo é compreender como essas mensagens circularam, quais estratégias de engajamento foram empregadas e quais narrativas dominaram esses espaços digitais. O artigo apresenta resultados de uma tese de doutorado recém-finalizada sobre o uso

¹ É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI – IBICT/UFRJ), onde desenvolve pesquisas sobre desinformação, plataformas digitais e circulação de discursos extremistas. É mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC – UFF) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Brasília (FAC – UnB). E-mail: camillamachuy@gmail.com

político do Telegram pela extrema-direita no Brasil e busca contribuir com os debates sobre desinformação, radicalização digital e comunicação política em ambientes online.

Para entender como esses grupos ganharam força e se tornaram centrais na coordenação política da nova direita, é necessário retornar ao contexto da eleição de 2018. A ascensão de Jair Bolsonaro evidenciou o uso estratégico das redes sociais para fins eleitorais. Sua vitória integrou uma tendência global, marcada por fenômenos como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o referendo do Brexit no Reino Unido. Esses eventos compartilham elementos comuns, como o fortalecimento do populismo de direita, mensagens antiestablishment e a ampla circulação de desinformação (Dunt, 2016; Benkler, Faris, Roberts, 2018; Wylie, 2019).

No Brasil, o avanço do ultraconservadorismo começou ainda antes, com os protestos de junho de 2013 (Nobre, 2022). Iniciadas em razão do aumento nas tarifas de transporte público, as manifestações rapidamente se ampliaram e ganharam caráter difuso. O sentimento antipartidário se intensificou, especialmente contra o Partido dos Trabalhadores (PT), e preparou o terreno para o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2015 (Alonso; Mische, 2016; Fuks; Ribeiro; Borba, 2021). Nesse ambiente, Jair Bolsonaro, ex-militar e deputado de longa data, posicionou-se como um outsider. Ainda que fizesse parte do sistema político, apresentava-se como alguém disposto a rompê-lo. Sua campanha de 2018 adotou um tom fortemente antiestablishment e foi marcada pela disseminação de desinformação (Rocha; Solano; Medeiros, 2021; Cesarino, 2022; Pinheiro-Machado, 2019).

Durante a pandemia de COVID-19, Bolsonaro manteve a postura confrontacional, desta vez contra a ciência e as autoridades sanitárias. Seu governo incentivou o uso de tratamentos sem eficácia comprovada, como a hidroxicloroquina (Casarões; Magalhães, 2021), criticou medidas como o uso de máscaras e o distanciamento social, e questionou a segurança das vacinas, chegando a sugerir falsamente que elas poderiam causar Aids. Ao final de 2022, o Brasil acumulava mais de 700 mil mortes por COVID-19. Na campanha presidencial daquele ano, Bolsonaro manteve o tom de confronto e continuou lançando dúvidas sobre o sistema político e as instituições públicas. Após um segundo turno acirrado, foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva, que retornou à presidência para um terceiro mandato.

Após o resultado das urnas, Bolsonaro se recusou a reconhecer a derrota e lançou suspeitas infundadas sobre as urnas eletrônicas. Apesar da ausência de provas, essa

atitude alimentou o clima de tensão e desconfiança institucional. A crise evoluiu até os ataques violentos de 8 de janeiro de 2023, quando milhares de apoiadores invadiram os prédios dos Três Poderes, em Brasília. A análise mostra que, no período pós-eleitoral, a extrema-direita rapidamente se reorganizou nos ambientes digitais. Os grupos analisados no Telegram foram usados para mobilizar seguidores, provocar reações emocionais e reforçar identidades coletivas. Mesmo sem qualquer comprovação, continuaram impulsionando narrativas de fraude com o objetivo de influenciar percepções e estimular ações concretas.

A desinformação política tornou-se objeto central de pesquisa, sobretudo no contexto das redes digitais (Recuero; Soares; Vinhas, 2019; Schneider, 2022; Bezerra, 2024; Rego, 2025). No Brasil, os estudos se concentraram principalmente no WhatsApp, enquanto o Telegram ainda é menos explorado. A estrutura do Telegram permite visualizar a origem das mensagens e facilita o ingresso em outros grupos com poucos cliques, ampliando o acesso a conteúdos extremos (Govers et al., 2023). Este trabalho compara as categorias Bolsonarismo e Antivacina dentro de um conjunto mais amplo de dados, com o intuito de compreender como ambos os grupos contribuíram para o ecossistema de radicalização digital. A análise mostra como discursos baseados na negação da ciência foram resignificados como ataques às instituições, evidenciando a porosidade e a sinergia entre diferentes núcleos ideológicos.

2. METODOLOGIA

Para investigar como a extrema-direita se reorganizou e atuou digitalmente após a derrota nas eleições de 2022 no Brasil, foi construído um banco de dados por meio da coleta automatizada de mais de 500 mil mensagens publicadas em 205 grupos públicos no Telegram. As mensagens foram extraídas entre 30 de outubro de 2022 e 9 de janeiro de 2023, período que vai do segundo turno até o dia seguinte aos ataques às sedes dos Três Poderes, em Brasília. A coleta foi realizada com o uso de uma ferramenta de código aberto desenvolvida para extrair informações de grupos e canais da plataforma. Essa ferramenta, chamada TelegramScrap, organiza dados como conteúdo da mensagem, autor, número de visualizações e reações, comentários e links compartilhados, permitindo uma compreensão mais profunda de como a informação circula nesses espaços digitais.

O TelegramScrap oferece uma solução prática para a extração, organização e análise de dados em canais e grupos do Telegram, atendendo à demanda crescente por

ferramentas capazes de explorar plataformas digitais. Ela tem sido utilizada por pesquisadores, jornalistas e analistas interessados em comportamentos digitais complexos, campanhas de desinformação e padrões temáticos em comunidades online (Silva, 2024, p. 32).

A metodologia combinou Análise Exploratória de Dados (AED) com técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), permitindo tanto avaliações quantitativas do uso dos grupos quanto análises qualitativas do conteúdo e dos padrões discursivos. A AED é uma etapa essencial em pesquisas com grandes volumes de dados, pois facilita a identificação de padrões e tendências (Tukey, 1977). Por meio dela, foi possível observar o volume de mensagens, os períodos de maior atividade, os níveis de engajamento e a distribuição temporal das publicações. Já as técnicas de PLN foram aplicadas para investigar recorrências textuais, termos frequentes, relações entre palavras e estratégias de mobilização empregadas nas mensagens. Esse processo envolveu uma inspeção inicial do banco de dados, limpeza de inconsistências e a aplicação de visualizações gráficas e estatísticas descritivas para aprofundar a análise.

A AED não é um processo com um conjunto fixo de regras. Mais do que qualquer coisa, é um estado de espírito. Nas fases iniciais, o ideal é explorar livremente todas as ideias que surgirem. Algumas darão certo, outras levarão a becos sem saída. Com o avanço da exploração, o foco se estreita nas áreas mais promissoras, que depois serão organizadas e comunicadas" (WICKHAM; GROLEMUND, 2019, p. 81).

O Processamento de Linguagem Natural é um conjunto de técnicas computacionais voltadas à análise, manipulação e geração automática de textos (Bird; Klein; Loper, 2009, p. x). Segundo Grus (2021), essas técnicas permitem extrair padrões linguísticos e modelar discursos em grandes corpora textuais. Além de dados estruturados (como datas, visualizações e reações), o banco de dados incluía informações textuais não estruturadas, o que exigiu o uso de ferramentas capazes de lidar com bases semiestruturadas. Essa abordagem mista foi fundamental para compreender o funcionamento dos grupos e os mecanismos de articulação política digital observados no período. O PLN permitiu uma investigação mais aprofundada do conteúdo das mensagens, com a identificação de padrões discursivos e expressões recorrentes. Foram gerados *bigramas*, pares de palavras que aparecem frequentemente juntas, como “intervenção militar” ou “fraude eleitoral”. Essas combinações ajudaram a revelar as

principais narrativas compartilhadas nos grupos e a forma como as mensagens reforçaram ideias de ruptura institucional.

2.1 Ética dos Dados

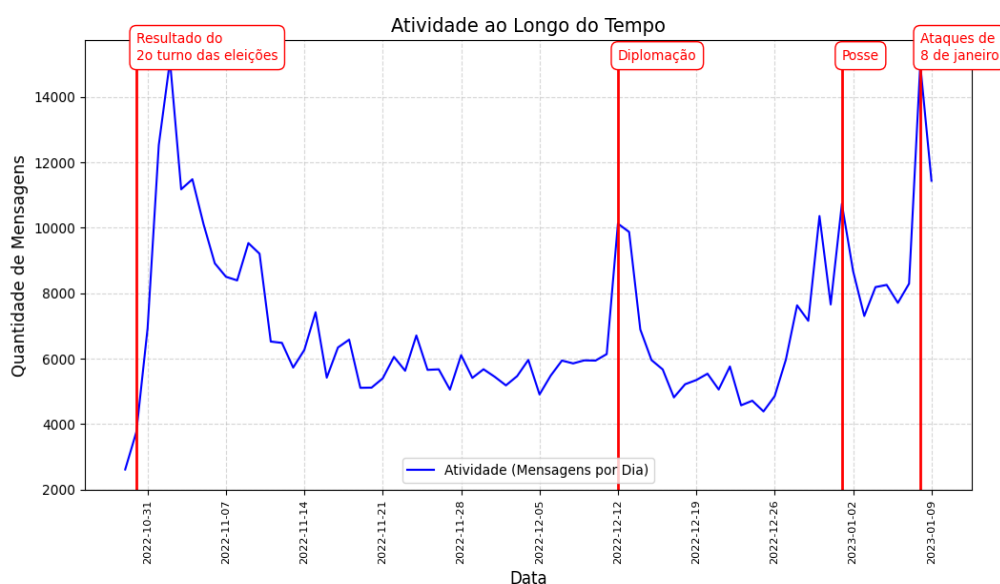
A pesquisa seguiu padrões éticos nacionais e internacionais para garantir o tratamento responsável de dados pessoais. Foram respeitados os princípios da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e as orientações da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), que recomendam práticas como anonimização, pseudonimização e salvaguardas legais proporcionais no contexto de pesquisas acadêmicas.

para fins de estudos e pesquisas realizados em todas as áreas do conhecimento, os agentes de tratamento devem adotar medidas protetivas necessárias e adequadas para a mitigação de riscos aos titulares dos dados pessoais – a exemplo da anonimização e da pseudonimização. Também, deverão ser adotadas medidas jurídicas apropriadas e proporcionais aos riscos envolvidos (VARGAS et al., 2023, p.16)

3. RESULTADOS

A análise dos dados revela padrões de interação e momentos de intensa atividade nos grupos investigados. Esses padrões, no entanto, só fazem sentido quando contextualizados no cenário político que moldou essas dinâmicas. O período em análise está diretamente ligado ao desfecho das eleições presidenciais de 2022 e ao ciclo de mobilização digital que culminou nos ataques de 8 de janeiro de 2023. Nesta seção, o foco é demonstrar como a atividade dos grupos acompanhou os principais acontecimentos políticos do período.

Gráfico 1 - Variação de atividade ao longo do tempo



Fonte: elaboração da autora

A análise temporal, representada na visualização a seguir, revela quatro picos distintos de atividade digital, que orientaram a estrutura analítica da pesquisa. Esses picos coincidem com eventos políticos-chave: o resultado do segundo turno das eleições presidenciais (30 de outubro de 2022), a diplomação de Luiz Inácio Lula da Silva (12 de dezembro de 2022), a posse presidencial (1º de janeiro de 2023) e os ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023. O aumento significativo no volume de mensagens nesses momentos evidencia a relação direta entre esses marcos políticos e a intensificação da mobilização digital nos grupos analisados.

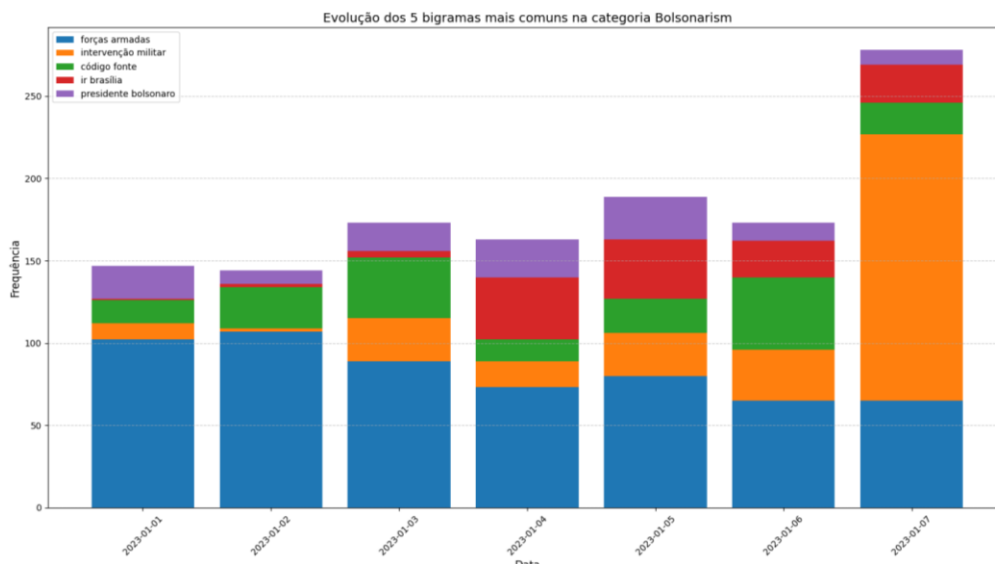
O primeiro pico de atividade ocorre logo após o anúncio do resultado do segundo turno, em 30 de outubro, refletindo uma resposta imediata e uma forte onda de mobilização digital com o objetivo de contestar o processo eleitoral. O maior volume de mensagens, no entanto, é registrado no dia 2 de novembro, data marcada pelo início dos acampamentos bolsonaristas em frente a quartéis militares. Segundo relatório da Polícia Federal que indiciou Jair Bolsonaro e 36 aliados por tentativa de golpe de Estado, o dia 1º de novembro foi marcado por forte mobilização em busca de supostas provas de fraude nas urnas eletrônicas. Durante esse período, aliados do então presidente e militares ligados ao governo realizaram inspeções no código-fonte das urnas. Apesar de nenhuma irregularidade ter sido encontrada, essas ações foram instrumentalizadas para sustentar narrativas falsas veiculadas em mídias de extrema-direita e nos grupos do Telegram analisados. Essas mensagens alimentaram teorias da conspiração sobre o sistema eleitoral e serviram de base para manifestações antidemocráticas (BRASIL, 2024).

Após esse primeiro pico, observa-se uma queda gradual na atividade, que volta a crescer de forma expressiva às vésperas da diplomação de Lula, em dezembro, revelando uma nova onda de contestação. O padrão se repete durante a posse em janeiro, com nova elevação no volume de mensagens, indicando que os grupos acompanharam de perto os momentos decisivos da transição de poder. O último e mais alarmante pico ocorre nos dias que antecedem os ataques de 8 de janeiro, reforçando a correlação entre eventos políticos e a intensificação da mobilização digital nesses espaços.

Diante do volume elevado de mensagens, foi necessário classificar os 205 grupos em agrupamentos temáticos, de modo a permitir uma análise mais precisa das dinâmicas discursivas. Foram estabelecidas seis categorias iniciais: Antivacina, Anti-woke e Gênero, Bolsonarismo, Conspirações Gerais, Nova Ordem Mundial e Globalismo, e

Revisionismo e Discurso de Ódio. Este artigo foca especificamente na relação entre os grupos classificados como Bolsonarismo e Antivacina. Essas duas categorias foram escolhidas por seu papel central na mobilização pós-eleitoral e por figurarem entre os grupos mais ativos e influentes do conjunto analisado.

Gráfico 2 – Evolução dos 5 bigramas mais comuns na categoria Bolsonarismo

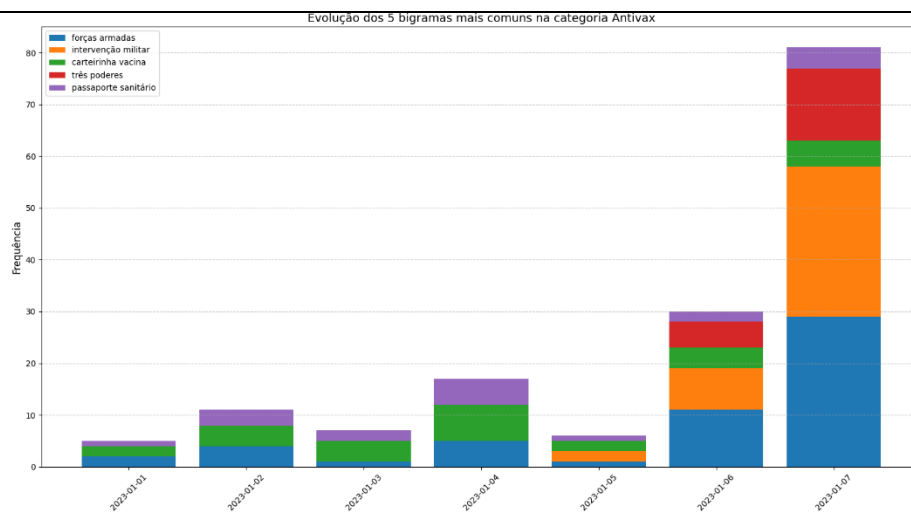


Fonte: elaboração da autora

Como mostra o gráfico 2, a categoria Bolsonarismo revela padrões relevantes. O termo “forças armadas” aparece de forma recorrente entre os bigramas mais frequentes, ao lado de expressões como “intervenção militar”, “código fonte”, “ir Brasília” e “presidente Bolsonaro”. Esse padrão indica que, mesmo nos dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro, os grupos bolsonaristas mantinham a expectativa de um desfecho favorável à sua agenda, com a crença de que os militares teriam um papel decisivo na reversão do resultado eleitoral.

A demanda por intervenção militar remete ao passado do Brasil sob a ditadura militar (1964–1985), período em que o país não vivia sob um regime democrático. Muitos apoiadores de Bolsonaro enxergam esse período de forma positiva e pedem que as Forças Armadas interrompam o processo democrático. O termo “código fonte” está relacionado a alegações falsas de que as urnas eletrônicas brasileiras, utilizadas de forma segura desde os anos 1990, poderiam ser fraudadas ou manipuladas. Essas ideias alimentaram a teoria conspiratória de que a eleição de 2022 teria sido roubada, apesar da ausência de evidências e da validação dos resultados por instituições independentes.

Gráfico 3 – Evolução dos 5 bigramas mais comuns na categoria Antivacina



Fonte: elaboração da autora

Na categoria Antivacina (gráfico 3), a retórica da intervenção militar foi gradualmente incorporada e ganhou força nos dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro. Isso é evidenciado pela presença dos termos “forças armadas” e “intervenção militar” entre os bigramas mais frequentes, ao lado de termos ligados à saúde, como “carteirinha vacina”, “passaporte sanitário” e “três poderes”. A carteirinha de vacinação e o passaporte sanitário eram documentos emitidos pelo Ministério da Saúde durante a pandemia para o acesso a restaurantes, aeroportos e prédios públicos. Parte dos grupos os interpretou como ameaça à liberdade individual, passando a difundir teorias conspiratórias.

A expressão “três poderes” refere-se aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, cujas sedes ficam na Praça dos Três Poderes, em Brasília, local central dos ataques ocorridos em 8 de janeiro. As mensagens mostram como um grupo que inicialmente discutia vacinas passou a adotar posições políticas mais radicais. Suas ideias se alinharam progressivamente às mensagens dos grupos bolsonaristas. Isso evidencia como diferentes comunidades conspiratórias podem se articular e colaborar na disseminação de pautas autoritárias no ambiente digital.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostra que os grupos bolsonaristas e antivacina atuam como núcleos organizados de desinformação, com alto potencial de mobilização. Suas mensagens circulam em rede de forma sistemática e, mesmo partindo de temas distintos, compartilham uma visão comum: a desconfiança em relação às instituições e a rejeição da democracia como sistema legítimo. Esses espaços funcionam como verdadeiras

células dormentes do radicalismo digital, que podem ser rapidamente inflamadas por lideranças da extrema direita com objetivos políticos claros.

Foi exatamente o que ocorreu após a derrota eleitoral de Jair Bolsonaro em 2022. Narrativas que antes giravam em torno do negacionismo científico passaram a incorporar discursos militares e apelos por ruptura institucional. O ataque de 8 de janeiro de 2023, em Brasília, foi o desfecho mais visível desse processo. Não se tratou de um ato isolado ou espontâneo, mas de uma tentativa coordenada de golpe de Estado, articulada em ambientes digitais que operaram livremente por semanas. O Brasil vivenciou, ali, sua maior ameaça democrática desde o golpe militar de 1964.

É urgente que o país avance em políticas públicas de regulação das redes, garantindo transparência algorítmica, responsabilização de plataformas e proteção contra abusos informacionais. A democracia não se sustenta apenas pelo voto, mas pelo compromisso coletivo com a verdade, o respeito às regras do jogo e a defesa do espaço público como lugar de convivência e não de destruição. A contenção das ameaças golpistas começa com o reconhecimento de que a radicalização digital não é periférica: ela está no centro do problema.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, A.; MISCHÉ, A. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 239-255, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/blar.12470>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization*. New York, NY: Oxford University Press, 2018.
- BEZERRA, Arthur Coelho. *Miséria da Informação: Dilemas Éticos da Era Digital*. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.
- BIRD, Steven; KLEIN, Ewan; LOPER, Edward. *Natural Language Processing with Python*. 1. ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2009.
- CASARÕES, G.; MAGALHÃES, D. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista De Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 183-203, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- DUNT, Ian. *Brexit: What the Hell Happens Now?* Canbury Press, 2016.
- FUKS, M.; RIBEIRO, E.; BORBA, J. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018. *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>. Acesso em: 12 jun. 2023.

- GOVERS, Jarod; FELDMAN, Philip; DANT, Aaron; PATROS, Panos. Down the rabbit hole: detecting online extremism, radicalisation, and politicised hate speech. *ACM Computing Surveys*, New York, v. 55, n. 14s, p. 1–35, jul./dez. 2023. Art. 319. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3583067>. Acesso em: 25 maio 2025.
- NOBRE, Marcos. Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta, 2019.
- RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; VINHAS, Otávio. Discursive strategies for disinformation on WhatsApp and Twitter during the 2018 Brazilian presidential election. *First Monday*, [S. l.], v. 26, n. 1, 2020. DOI: 10.5210/fm.v26i1.10551. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/10551>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- REGO, Ana Regina. *A Seta do Tempo: Plataformas, Inteligência Artificial e Desinformação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2025
- ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. *The Bolsonaro Paradox: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil*. Cham: Springer, 2021.
- SCHNEIDER, Marco. *A era da desinformação: pós-verdade, fake News e outras armadilhas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.
- SILVA, Ergon Cugler de Moraes. TelegramScrap: a comprehensive tool for scraping Telegram data. 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2412.16786>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- TUKEY, John W. *Exploratory Data Analysis*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/bimj.4710230408>. Acesso em 11 fev. 2025.
- VARGAS, Andressa Giroto; RABELO, Augusto Henrique Alves; COSTA, Diego Vasconcelos; MACIEL, Fernando de Mattos; GONÇALINHO, Gustavo; CARVALHO, Lucas Borges de; FAVERO, Sabrina Fernandes Maciel. *Guia orientativo: tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e para a realização de estudos e pesquisas*. Brasília, DF: Autor, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anpd/pt-br/centrais-de-conteudo/materiais-educativos-e-publicacoes/web-guia-anpd-tratamento-de-dados-para-fins-academicos.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- WICKHAM, Hadley; GROLEMUND, Garrett. *R for Data Science*. São Paulo: Alta Books Editora, 2019.
- WYLIE, Christopher. *Mindf*ck: Cambridge Analytica and the Plot to Break America*. Random House, 2019.